

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 53 - 66

Florbela: os sortilégios de um arquétipo

Maria Lúcia Dal Farra

Ao Haquíra Osakabe

Hã um conto de Florbela Espanca que, pela sua densidade, me sugere a experiênciã de uma catarse tanto pessoal quanto poética. Isto é o que de mais geral sei dizer sobre "À Margem dum Soneto".

Você pode discernir, então, na circulação inquieta de minúsculos temas e motivos que se emaranham em diversos níveis, pequenos núcleos por onde reter o conto. Embora muitas vezes erráticos, eles insinuam tensões que parecem estar ali atentas para entrar em diálogo

A vida conversa com a ficção, a arte com a ciência, a poesia com a loucura. Questões, em aparência, inocentes, mas envoltas de um charme que pode fazer você se confundir. Quanto mais não seja, é bom não esquecer que estes impulsos lhe são remetidos da perspectiva de quem experimentou, arrebatadamente e em diferentes graus, o feminino.

---

Maria Lúcia Dal Farra é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP

verso entre o decassilábico que praticou - heroicamente - e o alexandrino que evitou, tem no próprio nome a sina que a sua biografia registra. O estar entre, o ser Eu à procura da Outra fazem, afinal, toda a história de um ardente fascínio pelas transfigurações possíveis que o arquétipo de mulher promete. E o conto, como você pode supor, não está à margem disto.

Seu enredo é o mais simples. Ao cair da tarde, uma poetisa recebe em sua casa um visitante a quem confessa ter terminado o soneto com que vai fechar o seu livro de poemas. Ela lhe diz o soneto, ele lhe conta um caso cujo assunto o poema suscita, lê um trecho de uma carta relativa a esse caso, enquanto ela o ouve comovida. O conto finaliza com uma troca de palavras de parte a parte, palavras que não contestam a unidade de significação entre poema, caso e carta.

Repare que o movimento do conto é de extrema singeleza: nenhum diálogo se produz efetivamente entre os dois personagens, salvo aquele entre as narrativas que cada um reserva para o outro. A intimidade de cada personagem é, portanto, mediada por imagens que se articulam e que implicam os próprios lugares de onde falam. É por isso mesmo que não chamo de discursos as suas atuações verbais mais sim de narrativas; são estas que oferecem, entretanto, a cada um a oportunidade de se auto-referir.

Não preciso sugerir, mas se o soneto é semelhante à estória e à carta, estas duas últimas narrati

vas são sô metáforas da primeira, diferentes coisas tornadas iguais. Você há de concluir que, portanto, nada acontece. Há somente o soneto falado que ecoa e que, quando muito, é glosado, o que faz do conto um continuum da voz da poetisa. E não é à toa que o mito de Narciso está associado ao de Eco: uma vez refletida a sua imagem, o empenho com que ela começa a existir torna inevitável o prolongamento, a sua percussão.

Para já, o que temos é um enredo ausente, suspenso, onde tudo se passa silenciosamente à beira do som desse poema. Mas, afinal, o que realmente ocorre entre estes dois personagens que nem sequer dialogam? É simples: um jogo mútuo de sedução. Ele está ali para fasciná-la; ela o espera para deslumbrá-lo. Mas antes que qualquer assentimento amoroso possa ser dado - e o pronome escolhido para tratamento entre ambos ainda não é "tu" mas sim "você" - é preciso que ele percorra os passos de uma prova iniciática que ela, como esfinge, lhe prepara.

Ele vem em busca da mulher - encontra a artista. Para despertá-la na sua amplitude feminina, ele tem que desvendar o enigma que ela, enquanto poetisa, lhe indica sobre a mulher que é - o conteúdo do soneto. E aí, o próprio fato de chegar a concebê-la nessa acepção inteira é já suficiente para alertá-lo sobre o perigo de conviver com ambas numa sô: sou clara?

Ora, da parte dela - e a iniciativa é sempre sua - há expectativas precisas acerca do pretendente: induzindo-o a cumprir o percurso que o leva ao centro de

Uma vez cumprido esse mesmo trajeto para a revelação dela, visitante acaba necessariamente por fazer transparecer em si o flagrante da pessoa que nele não se mostra.

Você conclui: um só processo de desocultamento expõe os dois. E eu pergunto: o jogo de sedução é, na verdade, um despojamento de máscaras ou simplesmente um teste de cumplicidade para a invenção de outras?

Deixo esta inquietação no ar e quero saber, agora, como é que este enredo progride. Você me diz que é de maneira quase imperceptível. A delicadeza e a sutileza com que o soneto vai implodir estas nuances são admiráveis! Todas as notações psicológicas são filtradas através do ambiente e do pequeno gesto discreto que ela tem de, inconscientemente e a todo o tempo, desfiar com seus dedos finos uma a uma as contas do colar que traz ao pescoço.

A sala aconchegante e recolhida, onde ela recebe o visitante, vai ficar como que isolada do resto do mundo. Os véus escuros da noite que tomba vão se encostar, maciços, como cortinas espessas que impedirão o olhar para fora das janelas. Diante da simplificação do cosmos exterior graças à escuridão da noite e ao frio de inverno, a sala, iluminada pelo candeeiro e aquecida pelo irradiador, será toda uma reserva de intimidade. A ordem que irá regê-la é, por isso, outra: o espaço interno ganhará em relevo, vai se multiplicar, se diferenciar e se expandir ocupando os cantos mais reconditos. Ela se ofere

cerã como um abrigo, tanto mais seguro quanto mais densa for a noite, quanto mais intenso o inverno de novembro.

De fora, o mundo vai expirar no gemido pungente das sirenes do porto que, pouco a pouco, se calarão endereçando-se ao fim do conto. O seu planger será sempre doloroso e é com esse timbre que elas vão se enroscar ora numa ora noutra voz que soa na sala, debatendo-se langorosamente até alcançar o silêncio. A luz tênue da lua que, tímida, começará a dar vida às coisas do mundo, vai substituí-las ao final do conto quando tudo já foi dito.

Deixe-se impregnar por esta atmosfera por que é nela que a magia vai tomar lugar. Luz e sombra, a tarde que se faz noite, o sorriso fixado dos retratos espalhados pela sala, transições de uma para outra gama , silêncio e gemido, a candeia acesa e o escuro de fora, o irradiador e o frio de inverno, a luz da paisagem solar do quadro na parede e o breu para além das vidraças, a intimidade da sala e o incógnito da noite, o brilho das porcelanas chinesas e o opaco da escuridão, e, então, culminando, o candeeiro que cede, finalmente, a sua clarida de à lua. Claro está que este sinal de oscilação das coisas também é pressagiado no veludo branco e negro do traje da poetisa. E que há, em toda esta progressão de tons, o terno confronto entre as camélias naturais e as flores de cretone, ambas sempre em iminência de mutuamente se trocarem. Mas o que é que desperta este mundo e lhe dá mobilidade?

a sua aura mágica que age mudando o relevo das coisas. Uma vez fundado o seu espaço, aquele onde a poetisa fixa os olhos para dizer o poema - o espaço que o soneto abre na noite - toda a vida obedece a seu comando. Você sente que o que acontece na zona do subjacente é tão forte e tão decisivo que acaba por reger tudo o mais: daqui por diante, os cambiantes vão se entreter numa ação mimética sobre o ambiente a fim de deixar nascer os lastros palpáveis do implícito. Você sente a mobilidade gradativa e discreta palpitando silenciosamente de coisa em coisa e você percebe que ela nomeia a transparência, que ela reflete o indizível.

O soneto, que não por acaso é o antipenúltimo de Reliquiae, o livro póstumo de Florbela, sugere um mergulho na zona pessoal mais profunda e o descobrimento de um tipo especial de solidão, a acompanhada, a solidão de um Eu povoado por outros tantos Eus. O poema indica, portanto, a experiência da solidão patética em que se enfrenta a alma múltipla. Eis o último terceto:

"Ó pavoroso mal de ser sozinha!  
Ó pavoroso e atroz mal de trazer  
Tantas almas a rir dentro da minha !..."

Eis também o enigma a ser decifrado pelo pretendente, o da mulher, que - coincidência? - está associado ao da criação poética. Escuso de lembrar a você o

quanto esta idéia de despersonalização, de dispersão, de unidade diversificada, de pluralidade de pessoas habita a natureza da lírica moderna. Mas quando esta imagem é esboçada como alegoria de mulher, você se vê tentado a experimentar algumas suposições que a justifiquem. Por exemplo, esta, a primeira que me ocorre: a de se o papel social que se confere à mulher seria tão bem delineado e tão estável quanto aquele que se atribui ao homem.

Esta inquietação, esta hipersensibilidade, esta oscilação de rostos com que a tradição dota a natureza feminina não estão gratuitamente invocadas no conto. Da parte de Florbela, tanto poetisa como mulher, há uma imensa galeria de transfigurações de que seus poemas dão conta - a irmã, a sedutora, a virgem, a impossível, a voluptuosa, a panteísta, a amiga, a desencantada da vida, a sôror, a pária, a princesa do desalento, a deusa, a infanta do Oriente, a castelã da tristeza, a mãe, a erótica, a insaciável, a princesa encantada - e às quais os seus três casamentos e afogueadas paixões atestam autenticidade.

Mas não é exatamente isso que falo. Você há de convir comigo que, por baixo desta natureza poética que o conto nomeia, há uma imagem básica cuja formulação mais remota é de essência feminina: a possessa.

A possessa está a meio caminho entre a feiticeira e a histérica, todas elas envoltas num halo de mistério a que esta natureza de poesia não é estranha. Mas o mais contundente nestes padrões é que, precisamen

tende expurgar neles e o modelo feminino: o imaginário , a emoção desenfreada, o mistério, o prazer, enfim, a desordem.

Não é absolutamente casual que, no que se refere à cura da possessa, as figuras que a coerção social elege para exorcizar nela esse mesmo feminino sejam justamente a do sacerdote e a do médico, cada um lidando a seu modo e com seu vasto repertório próprio para a esconjuração do que há aí de enigma.

Ora, é justamente este o enigma que a poetisa lança ao visitante a fim de instigá-lo a desvendar nela a imagem de mulher que, no primeiro instante do jogo de sedução, ele refuta, contando elogiar a artista que há nela. O trecho é assim: ela interrompe por um momento e com apressada conclusão a estória que ele narra, ao que o pretendente responde: "Não seja mulher, você que o é tão pouco. Espere..."

Mas quem é, afinal, esse homem que sabe tão bem manejar o galanteio? O único dado que o conto fornece a seu respeito é este: ele tem livre acesso aos hospitais e, para precisar melhor a você, ele tem livre acesso aos "hospitais de alienados". Seria o psiquiatra a versão moderna do modelo masculino de restabelecimento da ordem que o sacerdote e o médico representam? Seria ele a sua fusão necessária e acabada? O fato é que este pretendente tão especial parece, de início, compreender que o soneto "a explica (...) e ao mesmo tempo a envol

ve". está, portanto, inclinado a integrar a mulher na poetisa e a não discernir, você conclui, a arte da vida.

Mas a maneira que ele acolhe para traduzir em seus termos o poema não pode ser outra senão a da sua própria competência. E esta versão é, de início, infeliz: não é à toa que ela o vai interromper pois que a formulação com que ele recobre, de imediato, este enigma, é a de um caso clínico. Bem ao gosto do psiquiatra que é. Mas não só. O ponto de vista que ele vai finalmente assumir na narrativa desta estória é também, implicitamente e obedecendo as regras do jogo de sedução, o ponto de vista do amor. Estranha conjunção!

A estória narrada é, como você adivinha, a de um homem que se encontra recolhido num asilo de alienados e que enlouqueceu por ter provado, na sua mulher, essa mesma alma múltipla. Toda a sua paixão, bem como a sua loucura, se devem ao encantamento que a imaginação extraordinária dela, toda diversificada, colorida, variada e palpitante de vida, provocou nele. E é neste momento que eu gostaria de revelar a você - como cautelosa ocultadora que sou - que, em Reliquiae, o nome que Florbela dá ao soneto de "Às Margens" é "Loucura". Este título, porém, nem sequer é mencionado no conto, e precisaria ser?

Todo o transtorno mental deste homem, e é de um major e de uma romancista brasileira que se trata, decorre do fato de que ele foi incapaz de separar ne

la a vida da arte, embora tivesse se aplicado com ênfase na "decifração de um segredo de que depende uma vida". Repare como o pretendente toca aqui na iminência do perigo que o espera... O major não conseguia apagar da vida "cenas inteiras dos romances dela, que ela revivia, que misturava à sua vida, sem conseguir destrinçar, por fim, a verdade da ficção".

Porque, lendo os seus romances, encontrou a como Angélica (a casta, a imaterial, a intocada) em Alma Branca; como Salomé (a cortesã, a voluptuosa, a ardente) em Flor de Luxo; como a cética, a irônica, a desencantada da vida, em As Mãos Sem Nada; como Cláudia, a ambiciosa, a assassina, no romance homônimo; como a mentirosa de Vida Inútil; como a ninfomaniaca de Paixão de Maria Teresa. Diante destas oscilações femininas e do encantamento que experimenta por elas, o major não vê se não em sua esposa a "hidra de mil cabeças, de mil corpos, de mil almas". E nessa febre louca e insensata, ele vi nha chorar doidamente "com a cabeça no regaço da mulher" que o consolava "como se sossega uma criança doente". En fim, no desencontro total com essas mulheres, ele acaba por desconhecer em que corpo se asila a própria esposa e perde, assim, a sua identidade.

Enquanto toda esta narração se dá, a poe tisa não faz mais que desfiar languidamente, com seus dedos finos e delgados, uma a uma as contas do seu colar cor-de-rosa. Você percebe, num impulso, que a unidade multiplicada começa a tomar corpo nas suas mãos e que os

seis retratos espalhados pela sala - e são seis as personagens da estória - parecem agora representar cada um dos rostos femininos. O arquétipo de mulher está ali inteiro oferecendo todos os seus sortilégios e as imagens passeiam entre Diana, a caçadora, Vênus, a sedutora, Juno, a mãe, sem, entretanto, se decidir por uma sô.

O psiquiatra lê então a carta do major, de que ele é portador, endereçada à Maria. Maria! Sabe-se sô neste momento que é este o nome da romancista. A carta confirma a estória, confirma a perda de identidade do major e a sua incapacidade de exorcizar nela esse dom - poético? feminino? - da alma múltipla. Na carta e do hospício, ele reclama dela que exerça ela própria essa função: "Maria: expulsa as outras todas e fica sô tu."

Uma chuva de pétalas de camélias pinga silenciosamente e imita, no seu pontilhar sobre o tapete, o desfiar das contas do colar de pérolas, o mesmo tema da unidade multiplicada que ecoa, de novo, na voz sonora do médico que repete o último terceto do soneto.

E porque tudo o que então foi dito é, em aparência, tão impessoal no que diz respeito a eles e a esse caso amoroso em vias de resolução, é agora necessário desvelar as máscaras. À poetisa, de dentro do seu jogo de sedução, interessa saber do seu destino - neste momento em iminência de se decidir. Interessa saber se pretendente aceita ou não - com ela - esse mesmo risco. Interessa conhecer, no diagnóstico do psiquiatra, o arrebatamento do amador.

sivo de averiguação do enigma, e é justamente por isso que, interrompendo o silêncio que ainda tange o mesmo tema, ela murmura quase a medo: "E... não tem receio... de endoidecer?"

O desafio está claramente lançado. O pretendente não responde nem sim e nem não. Ele se levanta, se ilumina numa chama de alegria, sorri e se debruça sobre ela sussurando com intensidade cada palavra: "As almas das poetisas são todas feitas de luz, como as dos astros: não ofuscam, iluminam..." Da poetisa, já se sabe, ele não teme a loucura. O amor dessa mulher pode lhe ofertar somente conhecimento, somente lucidez - e o psiquiatra cede seu lugar ao amador.

E, através desta frase, pronunciada como anuência amorosa, mas que dá, sobretudo, legitimidade de existência tanto poética quanto pessoal a esse Eu povoado de outros Eus, a poetisa acolhe a mulher que é e surpreende, então, no médico, aquele que se guardava. Porque ela, presa de encantamento, só sabe responder esta pequena coisa: "Poeta!..." E somente nesse instante ficam ambos, pela primeira vez unidos no mesmo acorde, escutando, no mesmo compasso, o ruído das pétalas que continuam a cair no silêncio. O exorcista está, finalmente, possuído pelo mesmo feitiço que veio para expurgar, e a mulher sai vitoriosa.

No entanto, a suspeita de que este desfecho só se concretiza, infelizmente, às margens da vida, co

meça a ressoar na biografia de Florbela. Seu segundo casamento, com um alferes da artilharia da guarda Republicana, de nome Antônio José Marques Guimarães, decorre todo no ambiente de sobressalto em que vive a romancista, esta mulher que "passou com ele dois anos desgraçados , dois anos miseráveis, pavorosos!" Desde então, é um médico, o Dr. Mário Pereira Lage, quem vai tratá-la como paciente e recebê-la como esposa. A promessa do poeta, no conto, era radiosa. Na vida real, entretanto, ela acaba por se embater contra o juramento de Hipócrates. O poeta, não suportando cumprir para sempre a imagem que ela lhe destinou, recorre à parafernália médica para aliviar em Florbela, o desencanto da solidão povoada que mais uma vez habita a sua alma. Na sua farmacopéia, ele tornava acessível à Florbela, sem o saber, o derradeiro fascínio que o arquétipo de mulher ainda lhe reservava: a "Morte, minha Senhora Dona Morte!"

Resta-nos só, a mim e a você, neste desenlace comovente de uma história real, reconhecer, ao menos no conto, a realização feliz dessa impossível conjunção de opostos que, para Florbela, aparece sob o signo da mulher. Esta contradição, ela não abandona nunca. Está no fluir deste "À Margem dum Soneto" e flexionada claramente no seu último diário. Porque ser mulher é ser "honesto sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidades, recta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara char

loucura, se resolve no conto não enquanto um caso patológico, mas como condição poética e feminina. Claro está que a consolidação desta verdade enquanto condição feminina só é obtida através do aceno de uma experiência fundamental: o amor.

---

As citações são extraídas respectivamente de:

ESPANCA, Florbela - "À Margem dum Soneto". O Dominó Preto (prefácio de Y.K.Centeno). Lisboa, Livraria Bertrand, 1982, pp. 85, 88, 86, 92, 91, 90, 93, 93 (o grifo é meu), 95, 95, 96, 91.

ESPANCA, Florbela - "À Morte". Sonetos. Lisboa, Livraria Tavares Martins, 1965, p. 176

ESPANCA, Florbela - Diário do Último Ano (prefácio de Natália Correa). Lisboa, Livraria Bertrand, 1982, p. 35.